

## Definições de literatura

As realidades que nos são mais familiares tornam-se, muitas vezes, as mais difíceis de definir. Dizia Santo Agostinho, a respeito do Tempo: “Quando me não pedem que o defina, tenho a impressão de sem custo poder fazê-lo; mas, quando mo pedem e quanto mais me esforço, não o consigo”. Idênticas palavras, ou semelhantes, a propósito de inúmeras coisas, poderíamos dizê-las todos nós, embora com a atenuante de não sermos santos.

Uma de tais realidades é justamente a literatura. Quem há, por mais familiarizado com ela, que saiba de repente e com acerto defini-la? Poderá tentar-se a experiência com um escritor, um leitor, um editor. Na maior parte dos casos, será igualmente decepcionante o testemunho daquele que vive para ela, do que vive com ela, do que dela vive. Em desespero de causa, bem será capaz de responder o primeiro: “Literatura é aquilo que eu faço”; de afirmar o segundo: “Literatura é aquilo que eu leio”; de jurar o terceiro: “Literatura é aquilo que edito”. Mas serão muito raras as circunstâncias em que eles concordem uns com os outros e em que afinal concordemos com qualquer um deles.

“Literatura é linguagem carregada de sentido”. Esta, sim. Esta agrada-me. Parece simples, e não é. À primeira vista, dir-se-á: pois não é o *sentido* algo inerente a toda a *linguagem*? Notemos, no entanto, no que diz Ezra Pound: “*carregada* de sentido”. Em “*carregada*” é que está o acento tónico da frase. A linguagem ascende, com efeito, ao plano da literatura quando, justamente, ao “sentido” que lhe é habitual, se acrescenta, por obra e graça do génio criador, uma *carga* emocional que a transfigura e eterniza. Basta ler, com perspicácia, qualquer trecho de um artista literário para se descobrir quanto é exacta a asserção. E é experiência que vale a pena: além de frutuosa, será com certeza apaixonante.

### Bibliografia:

MOURÃO-FERREIRA, David (1969). *Tópicos de Crítica e de História Literária*.  
Lisboa: União Gráfica